

Otimismo contra a crise

● *Empresários apostam que Brasil tem jeito e economia vai dar certo*

Lia Carneiro

SÃO PAULO — O Brasil tem jeito, agora vai dar certo, pior do que 1991 é impossível... Parece refrão de escola de samba, mas não é. Trata-se das novas palavras de ordem da onda otimista, um movimento que começou no exterior, principalmente entre norte-americanos e japoneses, e que aos poucos acabou sendo importada também por banqueiros e empresários nacionais. O ingrediente básico para aderir à onda é não se desesperar com o mau humor do dia a dia: 25% de inflação, juros altos, impostos que não acabam mais, vendas em baixa, 3,5 milhões de desempregados de acordo com o IBGE etc. A ideia é valorizar a não realização das previsões catastróficas de hiperinflação e instalação do caos. É a visão de um país que conseguiu conquistar grandes avanços, mas os ignorou na rotina pela sobrevivência.

"Os europeus estão cheios de expectativas com o seguinte raciocínio: se outros países da América Latina conseguiram, por que o Brasil, o mais importante e interessante da região, não conseguirá?", explica o presidente da Rhodia, Edson Vaz Musa, confessando-se um otimista nato, mas lembrando que aderiu à nova onda logo após o Plano Collor 2. "Não podia deixar minha equipe sem esperança", conta Musa, informando que, em termos de resultado operacional, a Rhodia foi muito bem no ano passado: dos US\$ 70 milhões perdidos em 1990 para um ganho de US\$ 20 milhões em 1991. "Em janeiro deste ano já foi uma agradável surpresa: esperávamos atingir um volume de vendas que, por índices nossos, chegaria a 61, mas fizemos 75."

Chances — Para Musa, o otimismo pode ser justificado pela conscientização provocada nas empresas com a abertura da economia. "Nós viramos a Rhodia de cabeça para baixo e conseguimos ganhar competitividade e produtividade. E há outros setores fazendo isso. O setor automobilístico e de autopeças, por exemplo,

está consciente — é só olhar nas ruas — e só não sabemos com que velocidade está tomando providências", explica Musa, lembrando que a indústria automobilística japonesa precisa de 17 mil trabalhadores para produzir a mesma quantidade de carros que a brasileira faz com 240 mil. "Depois da democracia política, vivemos um progresso na democratização da economia. Acabaram os milagres. Daqui para frente as chances são bem razoáveis."

O presidente da Rhodia também cita a desregulamentação, a liberação dos preços e do câmbio, a privatização, a negociação da dívida externa, o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a flexibilização no tratamento de assuntos como capital estrangeiro, propriedade industrial e reservas de mercado. "É claro que uma inflação de 23%, 25% não é boa, mas também não tem mais nada a ver com o descontrole do começo de outubro, quando parecia que o país acabaria", acrescenta Musa, lembrando que a recessão se mostra

como um mal necessário ao ajuste e o desemprego faz parte da busca pela eficiência. "A Espanha tem um índice de desemprego de 17% porque eles já entenderam que é preciso ser competitivo e pronto. E pelo fôlego da nossa economia informal, é muito mais difícil ser desempregado na Espanha."

Entendimento — Para o presidente do Grupo Itamarati, Olacyr de Moares, a onda positiva é o primeiro passo para que as coisas realmente consigam dar certo. "Temos inflação elevada, juros altos e a Constituição determinando encargos sociais exagerados. Há muita coisa para ser vencida, mas se o governo continuar tendo sucesso, por exemplo, na negociação da dívida, logo terá caise para sentar com empresários e trabalhadores e avançar", explica Olacyr, que se define como um otimista realista. "Ficar eufórico com inflação de 25% não faz o menor sentido. Mas estou acreditando na política econômica."

O empresário afirma que o otimismo faz parte do encerramento do primeiro passo da economia rumo ao caminho certo. "O segundo passo nós veremos de acordo com os índices de desemprego. O segundo passo é 'o entendimento', acredita ele. Conhecido como o rei da soja, Olacyr de Moares reconhece que a safra agrícola deste ano, prevista em 65 milhões de toneladas de grãos, desempenhará um papel importante na economia. "Poderemos ajudar a derrubar a inflação sim, mas insisto que há muitas outras coisas para serem feitas. Uma atitude isolada não adiantará em nada."

Sem choques — O ex-ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, garante que a nova onda de otimismo já não é mais exclusiva das seletas rodinhas de banqueiros e executivos de multinacionais. "É incrível. Empresários dos mais variados setores estão vivendo esse momento de otimismo, acreditando que vai dar certo", afirma Maílson, que se considera um otimista sem excessos. "Acredito que a onda interna esteja fundamentada na ruptura da lógica dos choques: todos esperavam o choque no início do ano e ele não aconteceu", acrescenta ele. "O que também explica a calmaria é a mudança política, a articulação com o Congresso. A nova cara do governo é vista como positiva. Sem falar no acordo com o FMI que abriu a porta para outras negociações."

Para Maílson, depois do sufoco de 1991, o país inteiro estava precisando tomar um ar, ganhar um fôlego, e nada melhor do que uma onda de otimismo. "Não existe nada no horizonte que indique a inflação como crescente. Mas é claro que essa estabilização é instável. É uma corrida de obstáculos. Ganhamos alguns, mas faltam muitos outros", acredita o economista. "Se a inflação subir, o desemprego aumentar, as concordatas crescerem, não sei o que acontecerá. Só que é melhor deixar para pensar nisso mais para frente", pondera ele.

JORNAL DO BRASIL